

12-08-2020

A VIDA DOS OUTROS

Marcos Besserman Vianna

[Coordenador do Departamento de Direitos Humanos,
Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Trata-se de um ótimo filme. Veja o [trailer](#).

Com o dossiê sobre antifascistas, no Ministério da Justiça, que está na moda, podemos estar vendo um outro tipo de trailer. Mas não é disso que trataremos. Aqui abordaremos se as pessoas que tem criticado quem não usa máscara, o que bota em risco a vida dos outros, em outras ocasiões não tem atitudes semelhantes. Deveríamos respeitar a vida dos outros mesmo quando acarretasse em mudança de atitudes individualistas. Mas a pressa que invadiu nossa civilização a despojou de humanidade. Sempre que criticam algo que fazemos, mesmo que cheguem com respaldo das evidências científicas, ignoramos por comodidade ou por conveniência, tanto faz, acreditamos que não nos afetará ou que nosso comportamento não mudará o mundo.

O melhor e o pior que pode acontecer com um ser humano é quase sempre invisível aos seus olhos. Pensem bem. O aroma das flores, o oxigênio que respiramos, o amor que damos e recebemos. Mas também os agentes patogênicos que nos debilitam até a morte algumas vezes, o medo que sentimos e não é percebido pela visão. Mas essas coisas invisíveis podem definir nosso destino muito mais do que as que enxergamos, são causas determinantes em nossa existência. A peste negra foi uma pandemia que ocorreu no século XIV, causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, transmitida das pulgas de ratos para humanos, que na época nem imaginavam como se transmitia essa doença, hoje conhecida como peste bubônica.

Como nada viam e nada sabiam, tentaram várias formas de escapar da pandemia.

Mas o que sucede quando para um mal invisível se confia em soluções invisíveis?

O pensamento dogmático se instala.

São imposições que não admitem réplica e esses tipos de crenças já levaram ao genocídio de várias populações. Nosso pior inimigo sempre foi a ignorância, a praga mais difícil de se erradicar da humanidade. Mas o que tem isso a ver com a peste negra e com a pandemia atual do invisível covid-19? O problema é que há dez milênios começamos a coabitar com esses inimigos invisíveis que se transmitem de animais a pessoas. *Domus* em latim significa casa. *Domesticar*. *Coabitar*. Em troca de quê? De carne. E as evidências científicas tão valorizadas nesse momento de pandemia, que nos indica o isolamento social e uso de máscaras, nos coloca com toda clareza que é preciso reduzir o consumo de alimentos de origem animal. A mudança na dieta salvaria estimadamente 11 milhões de vidas e reduziria os impactos ambientais. Se queremos evitar a pandemia da fome que coloca o ser humano em perigo, e ninguém pode tolerar a destruição de seu semelhante sem colocar em perigo sua própria humanidade, sua própria identidade, precisamos reduzir o consumo de carne e laticínios. Para evitar enfermidades como a atual pandemia do covid-19 precisamos desenvolver uma vacina para o planeta e não só para os humanos que o habitam.

Criar fronteiras e divisões é um hábito antropocêntrico, um paradigma defasado, que teremos que superar. A luz do sol, os vírus, a música, a arte, o futebol, o amor e a natureza não respeitam barreiras imaginárias.

Se queremos respeitar a vida dos outros, humanos e demais seres que convivem na terra, ou também das gerações que virão depois... superem o pensamento individualista. Respeitem o isolamento, usem máscaras e não façam nem aceitem mais convites para churrascos e feijoadas.

Não deixem o nosso pior inimigo prevalecer.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.